

sessões do
MAGINARIO

ano XVII | n28 | 2012/2



12

Imaginário e reconstrução da realidade:

Uma análise do documentário Gonzo: a vida

e obra do Dr. Hunter S. Thompson

Deborah Cattani Gerson¹

Eduardo Ritter²

Resumo:

Hunter Stockton Thompson, considerado pai do *gonzo* jornalismo, deixou um legado não só para a profissão, como também para a academia. Sua biografia foi muito significativa e resultou em trabalhos diferenciados. O documentário feito após o seu suicídio tem por objetivo expor quem foi o jornalista e romancista por trás de seus escritos. A ideia central deste artigo é analisar a reconstrução da sua biografia e obra, bem como compreender o imaginário criado por Thompson – e resgatado por aqueles que participaram do filme. Para tal, nos apropriamos de uma metodologia qualitativa, priorizando a pesquisa exploratória e bibliográfica, focando na análise fílmica para desvendar aquilo que está além do aparente. Buscamos contextualizar nosso objeto de estudo abordando o surgimento do jornalismo *gonzo* e o começo da trajetória de Thompson. Verificamos o filme em aspectos gerais, quanto ao seu enquadramento, encenação e direção. Também consideramos a trilha sonora escolhida. E finalizamos a análise em cima do suicídio de Thompson, questão polêmica, pois é tratada com naturalidade por aqueles que conviveram com o escritor.

Palavras Chave:

Hunter S. Thompson; *Gonzo* jornalismo; Documentário.

Abstract:

Hunter Stockton Thompson, considered the father of *gonzo* journalism, left a legacy not only for the profession itself but also for the academia. His remarkable biography was very relevant and resulted in a variety of works. The documentary made after his suicide aimed to expose the journalist and novelist behind his writings. This article aims to analyze the reconstruction of his biography and work, as well as to understand the imagery created by Thompson - and rescued by those who took part in the film. Qualitative methodology was used, prioritizing exploratory research and literature, focusing on film analysis to uncover what lies beyond the appearances. The object of study was contextualized addressing the rise of *gonzo* journalism and the beginning of Thompson's trajectory, dealing with general aspects of the film such as cinematic framework, staging and direction, and soundtrack. Finally, this paper reviews his controversial suicide, matter-of-factly seen by those who knew the writer.

Keywords:

Hunter S. Thompson; *Gonzo* Journalism; Documentary.

Introdução

Um contraventor das normas, que seguia apenas as suas próprias leis e que questionou o *status quo* de seu tempo. Um anti-herói do jornalismo, que ao ser contratado por uma revista para fazer uma matéria no deserto americano, gasta o pagamento antecipado para encher o porta-malas com inúmeras drogas. Ao chegar no seu destino, fica entorpecido e não realiza a cobertura solicitada. Entretanto, encanta editores e leitores. Rompendo com as normas jornalísticas, legais e sociais, cria uma obra com um estilo completamente novo, fica rico, divorcia-se, degusta de aventuras em uma vida regada a sexo, álcool e mais drogas, ao lado de amigos ilustres como os atores Jack Nicholson e Johnny Depp.

Essa é a imagem que muitos têm de Hunter Stockton Thompson, jornalista e escritor que suicidou-se aos 67 anos – “17 a mais do que precisava ou desejava”, como registrou em sua carta de suicídio³. Esse também é o reflexo que alguns pesquisadores mais ingênuos e apressados podem ter, e propagar, desse norte-americano, que compôs sua obra em um período de efervescência cultural – envolvendo o mundo das letras e da comunicação impressa, nos anos 1960 e 1970, com o estilo abraçado por Tom Wolfe, conhecido como *new journalism*⁴.

Entretanto, como a biografia e a obra de Thompson fez criarem esse imaginário em torno dele? Com base nessa questão é que buscaremos, tendo como objeto de investigação o documentário *Gonzo: a vida e obra do Dr. Hunter S. Thompson*⁵ (2008, 120 min), entender como foi feita essa reconstrução, paralelamente buscando compreender o escritor-personagem fomentado por Thompson.

Para tanto, nos apoiamos no princípio de que “o imaginário é uma série de camadas

simbólicas que recobrem um ponto de partida, uma aura que se superpõe por camadas sucessivas ao objeto original” (Machado da Silva, 2011, p.38). Ou seja, que elementos estão presentes no filme e na biografia de Thompson que contribuem para esse imaginário? Para chegar-se a essa resposta, será preciso levar em consideração o enquadramento proposto, a fala dos entrevistados, a trilha sonora, os atores escolhidos e uma série de outras coisas que compõem um longa-metragem. Nos ateremos ao enquadramento, a trilha sonora, aos atores (principalmente pela relação com Johnny Depp) e a algumas cenas.

Diante do problema proposto, optamos por alguns procedimentos metodológicos que consideramos próprios para uma pesquisa do tipo exploratória e qualitativa. Vale lembrar que esse tipo de investigação sustenta-se através de um universo de significados, aspirações, crenças, valores, que dizem respeito a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos e processos, e que não são perceptíveis em números, equações, médias e estatísticas (Minayo, 1994). Além disso, “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil, 1995, p. 44). Assim, estamos dando início a um processo que pode ser levado adiante por outros pesquisadores.

Para compreensão e análise nos apoiaremos na realização das três etapas sugeridas por Machado da Silva (2011): o *estranhamento*, o *entranhamento* e o *desentranhar-se*. Sinteticamente, o *estranhamento* é quando os pesquisadores tiram as suas lentes para tentar ver o objeto pesquisado com a lente dos outros. Ou seja, é como olharmos para o documentário como se não soubéssemos nada sobre Hunter Stockton

Thompson, mas, ao mesmo tempo, questionando tudo o que está sendo dito sobre ele: Thompson realmente foi tudo isso que estão dizendo? Ele derrubou um candidato à presidência dos Estados Unidos da América (EUA) com a invenção de um fato? Será que ele usava drogas como é afirmado?

Já na segunda etapa, a do *entranhamento*, não basta sair de si, pois é preciso ir a fundo no olhar do outro. “O processo de entranhamento é um mergulho no desconhecido” (Machado da Silva, 2011, p. 41). Por fim, na última etapa, do *desentranhamento*, buscamos apresentar analiticamente de forma que não sejamos nem nossos próprios porta-vozes, nem do outro. Nessa etapa, o nosso “imaginário (que é sempre afetivo) precisa ser desmobilizado ou desligado” (Machado da Silva, 2011, p. 45).

Feitas essas considerações iniciais, faremos uma breve contextualização da biografia de Thompson. Em um segundo momento, observamos aspectos gerais do documentário, considerando questões como enquadramento, encenação e direção. Também levaremos em conta a trilha sonora escolhida, que contribui para o impacto imagético sobre o personagem.

Um burlador de normas

Uma das primeiras imagens que nos vem à cabeça ao ver o documentário *Gonzo: a vida e obra do Dr. Hunter S. Thompson* (EUA, 2008) é a de que Hunter Stockton Thompson era uma espécie de jornalista independente, que agia conforme as suas próprias leis⁶. Contudo, se essa figura, por um lado é mais mitológica do que concreta, por outro corresponde a uma característica que está presente na biografia de Thompson: a sua inconformidade, primeiro, com as normas sociais; segundo, com as normas legais; terceiro, com as normas jornalísticas.

Thompson nasceu na cidade de Louisville,

no estado norte-americano de Kentucky, dia 18 de julho de 1937. Foram 67 anos de vida até o seu suicídio, que ocorreu em Aspen, no Colorado, dia 20 de fevereiro de 2005. A sua discordância com as normas começa já no momento em que ele deixa a barriga de sua mãe, assim relata a primeira esposa do jornalista, Sandy Thompson:

Hunter nasceu de forma diferente – muito diferente. Sua mãe, Virginia, e eu conversamos muitos, muitos anos atrás sobre como Hunter era quando era um garotinho. Ele tinha raiva. Ele tinha charme. Ele tinha muitos problemas. E o que eu sempre costumava dizer – que é interessante, à luz do fim de sua vida – era que ele tinha se atirado para fora do ventre de raiva. E, em seguida, ele o deixou da mesma forma (Wenner; Seymour, 2007, p.3, tradução dos autores).

Os depoimentos dos amigos, familiares, colegas de trabalho e conhecidos de Thompson são unânimes, tanto no documentário⁷, quanto na biografia *The life of Hunter S. Thompson*, de Jann S. Wenner e Corey Seymour (2007), ao apontar que o jornalista, desde a infância, teve amizades que flutuavam entre filhos de pessoas de classe alta e crianças e adolescentes das periferias de Louisville. Mas, sua primeira quebra de norma social e legal, de acordo com a autobiografia publicada em *Reino do Medo*, ocorre em 1946, quando ele tinha 9 anos.

Na ocasião, Thompson e alguns amigos arrancaram um equipamento de aço e o colocaram na rua, em frente à parada de ônibus, para se vingar do motorista novo, que insistia em não parar o ônibus para eles. O plano deu certo e o ônibus bateu na engenhoca. Então, agentes do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) bateram na porta da sua casa e conversaram com seus pais, insistindo que ele confessasse tudo. A insistência

durou até que os policiais disseram que tinham testemunhas que confirmavam a sua participação no episódio. Foi então que ele inverteu a situação e passou a fazer perguntas aos oficiais, para saber quem eram as testemunhas que o deduraram. Com o apoio que recebeu de seu pai, Jack, um agente de seguros, que serviu na Primeira Guerra Mundial, Thompson conseguiu se livrar da situação. (Thompson, 2007).

Histórias como essas, que se somam a outras, de roubos, furtos, além de pequenos e médios delitos realizados por Thompson, na sua infância e adolescência, por um lado demonstram a sua inadequação com os preceitos – já que os delitos são justificados como a quebra da norma em busca de algum direito individual ou coletivo –, e por outro, reforçam o conceito que se formou em torno dele, e que foi fortalecido quando ele ingressou no jornalismo.

Aliás, a admissão de Thompson no jornalismo ocorreu da mesma forma. Após bater o carro do patrão que ele tinha em uma empresa comercial privada, ele abandona o emprego e entra nas Forças Aéreas Americanas, onde passou a ser editor de esportes do jornal da base, *Command Courier*. Nesse período ele começa a trabalhar paralelamente no jornal local, *The Playground News*. “No jornal local eu punha coisas que não podia pôr no jornal da base. Os lances realmente incendiários” (Thompson, 2007, p.91). Depois, ele foi servir como *copyboy*⁸ na revista *Time*.

Em 1960, Thompson altera radicalmente sua vida e se muda para San Juan, em Porto Rico, para trabalhar na revista de esportes *El Sportivo*. Essa revista durou pouco tempo, e dessa experiência ele escreveu o romance semiautobiográfico *Rum: diário de um jornalista bêbado*. Depois da experiência, o jornalista trabalhou como correspondente na América do Sul, inclusive no

Brasil, para o jornal *National Observer*. Quando retornou aos EUA, em 1963, se casou com Sandra Dawn Conklin, conhecida como Sandy Thompson, e teve seu único filho, Juan Thompson.

Dois anos depois de seu casamento, Thompson compôs seu primeiro livro, *Hell's Angels*, lançado em 1967. A obra foi fruto da inserção de Thompson na gangue de motoqueiros norte-americanos, de mesmo nome, atividade que ele fez com intuito de escrever uma série de reportagens para o *The Nation*.

A exemplo do que fizeram muitos *muckrakers*⁹, da virada do século XIX para o XX, Thompson buscou fazer tudo o que os motoqueiros faziam – inclusive, usar drogas e beber. Como resultado, além do livro, o jornalista levou duas surras dos motoqueiros. Seu amigo, Jack Thibeau, conta como ele ficou após levar a segunda surra:

Eu vi ele dois dias depois deles espancaram-no. Ele olhava como a morte requentada. Ele estava quebrado com as malas prontas para sair para Aspen, e ambos os seus olhos estavam cheios de sangue (Wenner; Seymour, 2007, p.29).

Dando à luz ao jornalismo gonzo

Mesmo já tendo escrito *Hell's Angels*, o marco inicial do gonzo é a publicação da cobertura do *Kentucky Derby*¹⁰ para o *Scanlan's Monthly*, em 1970. Nesse período, Thompson já vinha de uma inserção em um ambiente dominado pela contracultura e pela comunidade *hippie*¹¹ de San Francisco. É nesse período, igualmente, que ele estreia uma grande variedade de drogas, como o LSD¹², a Mescalina¹³, além da bebida e do tabaco. O estilo de vida do escritor, marcado pela alucinação e pelo frenesi, é que acabou caracterizando a marca registrada em seus textos de estilo gonzo.

Conforme Wenner e Seymour (2007), o termo surgiu quando o repórter do *Boston*

Sunday Globe, Bill Cardoso, se referiu ao artigo de Thompson, *O Kentucky Derby é decadente e degenerado*. De acordo com o repórter, gonzo seria uma gíria irlandesa, do sul de Boston, para referir-se ao último homem que fica em pé, após uma maratona de bebedeiras. Sandy Thompson esclarece que “quando ele escreveu o artigo do Kentucky Derby para a *Scanlan’s*, as drogas e a bebida alcoólica e todas aquelas coisas já estavam envolvidas em sua vida” (Wenner; Seymour, 2007, p.122, tradução dos autores).

Um ano depois, já contratado pela revista *Rolling Stone*¹⁴, Thompson publicou uma série de artigos que posteriormente tornaram-se um dos seus livros mais famosos, e que é o auge do jornalismo gonzo: *Medo e delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do sonho americano*. Nessa obra, ele viaja com seu advogado mexicano, Oscar Zeta Acosta, de Los Angeles para Las Vegas objetivando cobrir uma corrida de *motocross* – ignorada no texto, já que a busca pelo sonho americano passa a ser o assunto principal.

Porém, Thompson muda o seu nome e o nome do advogado, que na obra aparece como um samoano e é chamado de *Dr. Gonzo*. Na primeira parte da obra, a cobertura é relacionada à essa questão, enquanto que na segunda parte ele e seu advogado permanecem em Las Vegas, mas agora para reportar um evento sobre o combate às drogas (Thompson, 2010). Após essa obra, o jornalista tentou apresentar sua própria definição de jornalismo gonzo:

Gonzo requer os talentos de um mestre do jornalismo, o olho de um artista/fotógrafo e os colhões firmes de um ator. Porque o escritor precisa participar da cena enquanto escreve sobre ela – ou pelo menos gravá-la, ou mesmo desenhá-la. Ou as três coisas. Provavelmente a analogia mais próxima do ideal seria um

diretor/produtor de cinema que escreve seus próprios roteiros, faz seu próprio trabalho de câmara e de algum modo consegue filmar a si mesmo em ação, como protagonista ou pelo menos um dos personagens principais (Thompson, 2004, p.47).

Depois de publicar *Medo e delírio em Las Vegas*, Thompson seguiu trabalhando com textos do gênero, como por exemplo, *Fear and loathing on the Campaign Trail*, que aborda as eleições presidenciais americanas entre o democrata George McGovern e o, depois presidente, republicano Richard Nixon.

A reconstrução de Thompson através de imagens

Seguindo as proposições de Muanis (2010), objetivamos ir além do que faria o espectador usual, que assiste ao filme uma ou duas vezes e tece uma opinião baseada em seu repertório cultural e em suas experiências vividas. Seguindo as premissas já mencionadas de Machado da Silva (2011), acrescentamos a colocação de Muanis (2010, p.85) que afirma que

a análise cinematográfica, por sua vez, muitas vezes fica restrita a um mero comentário jornalístico e informativo de entretenimento. Talvez a escassez de análises mais cuidadosas, restritas por vezes ao meio acadêmico, esvazie a percepção de que o filme tem a mesma necessidade de ser visto várias vezes, de ser analisado e estudado.

Através da decupagem do filme, vamos ao encontro do que há para ser desvendado no objeto. Dessa forma, optamos por uma observação múltipla, onde a exaustão e a repetição nos traz novos elementos acerca de sua narratividade.

O documentário *Gonzo: a vida e obra*

do *Dr. Hunter S. Thompson* expõe, com uma linha tênue entre o real e o fictício, quem foi esse escritor, romancista e jornalista Hunter Stockton Thompson. Quanto a essa técnica do filme, de utilizar alternadamente entrevistas, que remetem a verdades, e a recriação de cenas de como seria o processo criativo de Thompson, Massimo Canevacci (2009, p.49) explica que:

A verdade não aquieta, pelo contrário, leva à inquietação: a uma ansiedade que perscruta as diferenças entre aquela verdade – que foi tal naquela fase – e aquele sentido de falsidade que emana aqui e agora. Há mais: cada verdade pode permanecer tal justamente porque se modifica. Somente traindo a verdade permanece-se fiel a ela.

Podemos observar que, em diversas ocasiões, o documentário exhibe Thompson e sua relação com as drogas, fato que é claramente perceptível em sua biografia. Relação, aliás, conturbada, mas que é mostrada como se o escritor-personagem fosse um cientista, apenas provando seus experimentos. Nesse patamar, Thompson é elevado, pois é apresentado no filme como um homem forte e resistente, incapaz de sucumbir aos vícios mundanos. Essa exacerbação lembra o conceito *nietzschiano* de super-homem (Canevacci, 2009), que pode ser observado nas declarações dos entrevistados, que apresentam Thompson como alguém que está imune aos efeitos das drogas.

Dirigido por Alex Gibney¹⁵ e lançado em 2008, o filme apresenta Thompson como um ser além do humano. Além da enfática apresentação sobre o jornalista e sua brincadeira com as drogas¹⁶, Thompson nos é mostrado como um repórter sarcástico, travesso e indisposto com a atualidade de sua profissão e as suas normas. As causas

dessa rebeldia são brevemente comentadas pelos entrevistados, entre eles Bob Braudis, Douglas Brinkley, Pat Buchanan, George Stranahan, Anita Thompson, Juan Thompson, Tom Wolfe e algumas outras pessoas ligadas ao círculo do escritor-jornalista.

Gibney demonstra, através da montagem do longa, um árduo trabalho de pesquisa. Muitos dos recortes com amigos, conhecidos, adoradores e ex-colegas de Thompson, são de mais de uma década. Também há a utilização de vídeos caseiros, e isso fica claro pela falta de enquadramento, a má qualidade da imagem e o próprio tom da conversa, mais informal do que em outros tipos de produções cinematográficas.

Na reconstrução, foram escolhidas situações particulares da vida de Thompson, visando mostrar suas reações e emoções diante de momentos inusitados, como quando ele quebra um fax porque não sabe fazê-lo funcionar. Para a representação do jornalista, Gibney optou pelo ator Johnny Depp, que além de ter sido amigo próximo de Thompson, já havia encenado *Medo e delírio em Las Vegas* (USA, 1998). Essa escolha denota e nos revela o ponto de vista do diretor perante o filme.

A ideia não é desmoralizar o Thompson por suas loucuras, mas sim transformá-lo no anti-herói da sua própria história. Ou seja, os fatos e as características contados por outros formam um imaginário sobre Thompson, onde essas narrações preenchem o vazio que existe entre os fatos, apontado por Walter Lippmann (2008), e que é formado a partir do que se sabe sobre o objeto conjuntamente com o que se ouve falar sobre ele. Assim, o documentário forma uma imagem de Hunter Thompson a partir de encenações e de declarações de pessoas que, de alguma forma, estiveram em algum momento inseridas em seu

mundo.

As cenas com Depp foram adaptadas para parecerem o mais reais possível, fazendo com que o espectador, em um primeiro momento, fique em dúvida se o acontecimento é real (uma filmagem antiga) ou se é uma reconstrução. Esses recortes são acompanhados da voz de Depp lendo partes de obras de Thompson. Assim, inicia-se o documentário, com Johnny Depp sendo ele mesmo, abrindo um dos livros de Thompson e iniciando a leitura. Essa descaracterização de Depp, que aos poucos passa a ser o objeto de descrição do filme, ajuda a formar o imaginário do público, principalmente se estes atingirem o estado de vigília.

Felipe Muanis (2009) descreve essa experiência do receptor como um desligamento da realidade e um mergulho na narrativa que se desenrola. Seria, portanto, algo próximo a uma alucinação, o estar dentro do sonho, tornando o espectador um prisioneiro da *impressão*. Para Muanis, tal estado pode chegar a uma imobilização até mesmo física.

Estando o público inserido nesse contexto, é interessante observar que o filme lida com os textos produzidos por Thompson, que é outra forma de linguagem. Temos, então, dois tipos de narrativa que se misturam: por um lado as leituras feitas por Depp em *off*, sem falar na própria menção aos livros, e, por outro, temos a encenação, a construção de um novo texto, em um contexto irreal. Chartier (2002) afirma que:

contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados. O “mesmo” texto, fixado em letras, não é o “mesmo” caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua

comunicação [...] (Chartier, 2002, p.62 apud Muanis, 2009, p. 84).

Muanis (2009) conclui que o próprio autor do produto final passa a desconhecer o limiar do texto de sua materialidade. Assim, o ato de leitura fica comprometido e passa a ter um caráter vigoroso. Sobre esse universo imagético, o teórico ilustra que:

enquanto se cria a consciência de que o autor não tem controle absoluto sobre o sentido de seu próprio texto, o leitor ganha seu espaço imprimindo múltiplos sentidos ao texto lido, trazidas por diferentes ideologias, contextos e textos presentes em si próprio, e que asseguram uma saudável abertura no texto do autor. Se cada leitor é, em si, um conjunto de textos, o ato de interpretar ganha ainda mais importância pelas inúmeras possibilidades, visadas, leituras e variados sentidos que o leitor pode trazer para o texto (Muanis, 2010, p.85).

Enquadramento e trilha sonora como elementos narrativos

Feito esse panorama, podemos levar em consideração aspectos como o enquadramento e a trilha sonora. Goffman (1977) empregou o termo enquadramento pela primeira vez como uma metodologia para analisar peças de teatro. Para ele, as limitações do palco e formatação do espaço físico do teatro limitavam a interpretação da audiência. O autor também afirma que os recortes de texto e suas adaptações para a teatralidade formatavam um conjunto de observações do diretor.

No cinema, podemos nos apropriar do pensamento de Goffman (1977) sobre o quesito enquadramento. Todavia, é importante diferenciar aqui do enquadramento cinematográfico,

termo utilizado no jargão da área para definir o posicionamento da câmera e o enfoque por ela dado. Falamos, portanto, do enquadramento enquanto recorte da realidade e da narrativa proposta pelo roteirista Goffman (1977), que, no caso em questão, contém traços da obra de Thompson.

Quanto à trilha sonora, seria interessante, em uma avaliação mais profunda, abordar

música por música através da técnica discursiva de Charaudeau (2008). Porém, como esse não é o principal objetivo desse estudo, apresentamos brevemente as 33 músicas que compõem a trilha original, percebida através do Quadro 1, e que influenciam a narratividade do filme.

Boa parte das músicas são trechos das fitas gravadas por Thompson, ou das leituras de Johnny Depp. As canções, compostas por outros artistas,

que foram introduzidas no documentário também chamam a atenção. Escolhas como *Long as I can see the light*, do Creedence Clearwater Revival, *If I had a boat*, do Lyle Lovett, e *Walk on the wild side*, do Lou Reed, que exploram o cotidiano de um aventureiro, se encaixam nas cenas que mostram Thompson em suas viagens.

Help me, do Sonny Boy Williamson, *Doin' it to death*, do James Brown, e *One toke over the line*, de Brewer e Shipley, música que embala boa parte do filme, contrasta com o imaginário de super-homem criado por Gibney, já que conta a história de uma pessoa viciada em busca de ajuda.

Considerações finais

Feita a contextualização do que foi o jornalismo *gonzo* e a análise de alguns aspectos fílmicos da obra, consideramos que o documentário *Gonzo: a vida e obra do Dr. Hunter S. Thompson* colabora na formação imagética de quem foi Hunter Stockton Thompson. A narração e o uso de recursos visuais e sonoros colaboram com a formação de uma imagem de anti-herói, repórter beberrão, viciado e destemido que conseguiu concretizar seus sonhos, rompendo com limites morais e éticos da sociedade.

O filme é bastante unilateral nesse sentido, pois apresenta como fontes pessoas que sempre estiveram fortemente ligadas ao escritor. A trilha sonora também reforça essas questões, uma vez que as escolhas se baseiam em canções com letras que falam sobre drogas, viagens, amor e sexo.

As transições entre as imagens reais de Thompson e as gravações feitas com o ator Johnny Depp confundem o espectador e contribuem para a imersão no estado de vigília. Assim, para o público leigo, que desconhece a obra de Thompson, ao assistir o documentário pode-se concluir que Depp e Thompson têm alguma conexão na realidade.

Música	Artista
Gonzo's Honest Run (Main Title)	David Schwartz
Haunted Heart	Jo Stafford com Paul Weston e orquestra
The Edge	Johnny Depp
My name Is Hunter Thompson (excerpt from the television show, "To Tell The Truth")	Trilha sonora do filme
Gonzo	James Booker
You Dirty Little Beast	Hunter S. Thompson
Weird And Twisted Nights	Trilha sonora do filme
The Horror	Johnny Depp
It's No Secret (Live)	Jefferson Airplane
Tentative Platform – Thompson For Sheriff	Johnny Depp
Walk On The Wild Side	Lou Reed
Kentucky Derby	Johnny Depp
My Old Kentucky Home Goodnight	John Prine
Combination Of The Two	Big Brother & The Holding Company
The End Of The Tunnel	Johnny Depp
One Toke Over The Line	Brewer & Shipley
The Wave	Johnny Depp
Get Together	Youngbloods
The Ibogaine Effect	Johnny Depp
Help Me	Sonny Boy Williamson
You Sexy Thing	Hot Chocolate
220 Million Used Car Salesmen	Tim Crouse e George McGovern
Long As I Can See The Light	Creedence Clearwater Revival
A King-Hell Bastard Of A Speech	Johnny Depp
Maggie's Farm	Bob Dylan
Doin' It To Death	James Brown
I Can Hear The Mind Turning... (The Ali-Foreman Flight In Zaire)	Ralph Steadman e Hunter S. Thompson
Goin' Down Slow	Howlin' Wolf
Mr. Tambourine Man	Bob Dylan
Last Words From Hunter	Hunter S. Thompson
Lawyers, Guns And Money	Warren Zevon
Not Knowing Why	Johnny Depp
If I Had A Boat	Lyle Lovett

Quadro 1: Trilha sonora do filme
Fonte: Gonzo (Motion Picture Soundtrack) .

Outro ponto é a positividade com que o longa aborda a vida desregrada de Thompson. Isso transparece de tal maneira que nos momentos em que se fala do suicídio do jornalista, os entrevistados encaram a situação com bastante naturalidade, como se o ato fosse normal, até porque o suicídio sempre foi uma constante na obra de Thompson.

Enquanto o imaginário convencional do espectador pode fazer com que ele espere uma reprovação da família do suicida, tem-se um choque imagético com declarações baseadas na lógica, e não na emoção, e nas passagens do próprio Thompson narrando como gostaria de morrer e qual o seu desejo póstumo. No final do filme, é gravada a inauguração do monumento que contém as cinzas de Thompson até os dias de hoje: uma festa alegre com diversos artistas e muitos fogos de artifício.

O estranhamento pode ocorrer se o suicídio não faz parte da cultura imagética tradicional do espectador. Porém, Thompson foi um contraventor, não só das leis e das normas jornalísticas, mas também da cultura. Como em seus livros e reportagens, suas ideologias estão presentes no documentário do início ao fim, inclusive nas formas narrativas e na linguagem utilizada, constantemente referindo-se aos seus textos literário-jornalísticos.

Referências

CAVENACCI, Massimo. **Comunicação visual**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience**. Cambridge: Harvard, 1977. Disponível em: <<http://digilib.bc.edu/reserves/en765/sofe/en76506.pdf>>.

Acesso em: 28 mai. 2012.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MUANIS, Felipe. **Cinema: entre o texto e o dispositivo**. Logos: Comunicação e Audiovisual, v. 32, ano 17, n. 1, jan./jul. 2010. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/logos/article/view/633/669>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **O que pesquisar quer dizer?** – Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

REESE, Jenny. **The early muckrakers: Nellie Bly, Lincoln Steffens, Upton Sinclair, Ray Stannard Baker, Et. Al.** Webster's Digital. New Delhi: 2010.

THOMPSON, Hunter. **A grande caçada aos tubarões**. São Paulo: Conrad, 2004.

_____. **Reino do Medo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Medo e delírio em Las Vegas**. Porto Alegre: LP&M, 2010.

WENNER, Jann S.; SEYMOUR, Corey. **Gonzo:**

the life of Hunter S. Thompson. New York: Back Bay Books, 2007.

Referências filmográficas

GIBNEY, Alex. **Gonzo: a vida e obra do Dr. Hunter S. Tompson**. [filme-vídeo]. Direção de Alex Gibney. Estados Unidos, 2008. 120 minutos. color. son.

Notas

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: deborahcattani@gmail.com.

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: rittergaucho@hotmail.com.

3 Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/reuters/2005/09/09/ult26u19757.jhtm>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

4 Disponível em: <<http://www.newnewjournalism.com/>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

5 Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0479468/>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

6 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=InFiFwrPZl4&list=UUyy3ADIKaxYiT4DQIvjloUw&index=31&feature=plcp>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

7 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=97oYY8HTlf8&list=UUyy3ADIKaxYiT4DQ>>

[lvjloUw&index=29&feature=plcp](#)>. Acesso em: 21 ago. 2012.

8 Conforme Gene McGarr, que foi colega de Thompson nesse cargo, a função do *copyboy* era entregar jornais de manhã e deixar uma cópia na sala do editor e do escritor (jornalista). “Uma para o escritor e outra para o editor e assim por diante. Um trabalho de bajulação” (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 29, tradução nossa).

9 Jornalistas que na virada do século XIX para o XX investigavam os escândalos no campo político e econômico. “Um mucraker é, primeiramente, um repórter ou escritor que investiga e publica relatórios verdadeiros que envolvem uma série de questões sociais, em geral, incluindo o crime e a corrupção e, muitas vezes envolvendo autoridades eleitas, líderes políticos e membros influentes do comércio e da indústria. O termo está intimamente associado com um número de escritores importantes que surgiram entre as décadas de 1890 e de 1930, um período mais ou menos simultâneo com a Era Progressista nos Estados Unidos” (Reese 2010, p. 2, tradução nossa).

10 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=3VBGXAxDIY8>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

11 Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Hippie>>. Acesso: 21 ago. 2012.

12 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dietilamida_do_ácido_lisérgico>. Acesso em: 21 ago. 2012.

13 Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mescalina>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

14 Todas as matérias de Thompson produzidas para a revista estão disponíveis em: <<http://www.rollingstone.com/contributor/hunter-s-thompson>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

15 Disponível em: <<http://www.imdb.com/name/nm0316795/>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

16 Esse aspecto fica evidente no trecho do filme narrado e encenado por Johnny Depp, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZqN6fKSeChM&list=UUyy3ADIKaxYiT4DQlvjloUw&index=28&feature=plcp>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

17 Disponível em: <http://www.amazon.com/Gonzo-Motion-Picture-Soundtrack-Explicit/dp/B001L2BHR6/ref=sr_1_3?ie=UTF8&qid=1345160700&sr=8-3&keywords=GONZO++soundtrack>. Acesso em: 21 ago. 2012.